

Ensinando Química e Ciências para Menores Infratores: Dificuldades e Perspectivas.

Wesley Fernandes Vaz* (PG) e Márlon Herbert Flora Barbosa Soares (PQ). wesleyquimica@ig.com.br

Instituto de Química – Universidade Federal de Goiás.

Palavras Chave: Menores infratores; ensino de ciências; ensino de química.

Introdução

A desigualdade econômica e social dificulta o crescimento e desenvolvimento de milhões de adolescentes, que se vêem aprisionados a comunidades expropriadas, moradias inadequadas, restrições ao consumo de bens e serviços, preconceitos, falta de qualidade no ensino, relações familiares e interpessoais fragilizadas e violência em todas as esferas de convivência.

Em 1990, promulgou-se o Estatuto da Criança e do Adolescente¹ (ECA), fruto da ratificação da Declaração Universal dos Direitos da Criança e do Adolescente da ONU, que passou a considerar a população infanto-juvenil como sujeito de direito e merecedora de cuidados especiais e proteção prioritária. Este Estatuto considera que são penalmente imputáveis os menores de dezoito anos que cometem crime ou contravenção penal.

O crescimento da infração praticada por jovens não é fenômeno isolado e específico do Brasil. Em diversos países, com diferentes níveis de desigualdade econômica e social, é possível verificar igual preocupação com os jovens envolvidos com infrações. As causas apontadas são econômicas, culturais, políticas e psicológicas e também revelam a frágil condição da infância e da juventude no cenário mundial².

Este trabalho propõe uma reflexão educacional do problema, pressupondo-se que a química e a ciência podem ser requisitos para a inserção do menor na sociedade, bem como, despertar nele, outros interesses e perspectivas que possam tirá-lo do ciclo vicioso em que se encontra.

Resultados e Discussão

Este trabalho é realizado no CAJE (Centro de Atendimento Juvenil Especializado), na cidade de Brasília – DF. No CAJE há separação dos menores de acordo com a idade, sexo e nível de periculosidade. O número de alunos normalmente não ultrapassa dez em cada sala, conforme exigência do ECA. Os internos recebem oficinas profissionalizantes, atividades esportivas e escolares, além de tratamento psicológico e psiquiátrico. Uma das atividades escolares são as aulas de química e ciências.

A primeira dificuldade encontrada é o pouco tempo de aula. Além disso é comum aos internos chegarem atrasados, em média 20 minutos, devido principalmente às dificuldades dos agentes em levá-los para as salas de aula. Algumas vezes, o interno não aparece na aula por estar no pavilhão disciplinar por causa de alguma infração cometida no CAJE.

Um outro problema é o interno ficar “passeando” em frente às outras salas com a desculpa de ir ao banheiro, biblioteca ou na secretaria da escola. As drogas atrapalham sobremaneira, já que muitos se drogam antes de irem para a escola. Para o professor é difícil disciplinar o aluno devido ao medo de represália.

Outra dificuldade enfrentada é a falta de material adequado, e em particular o professor de ciências é limitado em suas aulas experimentais, já que não se pode usar fogo, álcool, balas, batatas, etc, produtos que oferecem algum tipo de perigo aos internos e ao professor. A exibição de filmes tem que considerar o fato de serem dublados. Os alunos não aceitam filmes legendados. Aulas tradicionais ou que exijam a participação oral do aluno tendem a fracassar, pois eles se sentem muito passivos e logo a atenção é desviada para outra atividade.

As aulas mais eficazes para internos são as que contêm alguma forma de experimentação na qual há um alto grau de manuseio da atividade. Caso se divida o experimento em grupos nos quais somente um aluno manuseie e os outros observem, também pode fracassar. Uma fala de um dos internos é representativa dessa idéia: “professor você dá aula é para bandido, trás uns experimentos legais, para prender nossa atenção (sic)”.

Conclusões

Observa-se que há muitas dificuldades em se ensinar ciências ou química para menores infratores. Elas estão relacionadas com a própria estrutura desse tipo de instituição, um obstáculo para uma aprendizagem eficaz. A inserção do menor pela ciência só funcionará caso haja uma valorização da pessoa e da diminuição da desigualdade social. A valorização da família é um passo importante para que também haja melhoras.

¹ Brasil. Ministério da Saúde; Estatuto da Criança e do Adolescente, Brasília, 1991.

² Assis, S.; Constantino, P.; *Saúde Coletiva*. **2005**, 81-90.